



José Cardoso Pires

VINDE A MIM, Ó PEQUENINOS

Os monstros, ainda no ovo, já davam sinais de vida e por acaso até se mexiam muito bem. Se não houvesse nada em contrário, quando a Câmara de Lisboa passasse para as mãos do sr. Feist Abecasis, a nossa capital seria a primeira do mundo a dispor dum Parque Jurássico para os Pequeninos, ou seja, dum zoo exclusivamente povoado de répteis pré-históricos.

Depois do Portugal dos Pequeninos que o prof. Bissaia Barreto tinha inventado para o dr. Salazar, o país ia fechar o século XX com um empreendimento único e universal do ponto de vista científico, ao mesmo tempo que oferecia

Politicamente, a ideia (...) era de génio. Abrir as eleições autárquicas com uma parada de monstros pré-históricos garantia de imediato a vitória absoluta do partido. E enfiar depois as feras no Parque de Monsanto, muralhado em Pátio Alfacinha, seria o delírio da petizada e o deslumbramento do turismo internacional.

aos meninos lusitanos uma ocupação pedagógica para os intervalos do trabalho infantil.

Não se tratava duma Disneylândia a brincar, nada disso. Tratava-se, sim, duma Saurolândia ao vivo, com dinossauros reais e toda uma fauna de maiossauros, triceratops, hadrossauros e etc., transplantada de há milhões de anos para a Lisboa-93.

Politicamente, a ideia (que se diz ter vindo de Abecasis I, o Fundador) era de génio. Abrir as eleições autárquicas com uma parada de monstros pré-históricos garantia de imediato a vitória absoluta do partido. E enfiar depois as feras no Parque de Monsanto, muralhado em

Pátio Alfacinha, seria o delírio da petizada e o deslumbramento do turismo internacional.

Sim, mas um empreendimento tão revolucionário exigia segredo total, inviolável. E foi o que se fez.

Logo após a queda de Abecasis I, algures não se sabe onde mas talvez nas Ilhas Desertas ou coisa assim, uma equipa de engenheiros genéticos chefiada pelo dr. Michael Crichton entregou-se à criação dos referidos monstros a partir de fragmentos de células mortas deixadas pelos seus antecessores de há milhões e milhões de anos. O dr. Crichton, que, como se sabe, já tinha criado o Parque Jurássico encomendado por Steven Spielberg, serviu-se dos paleontólogos, bioquímicos e processadores moleculares que tinham colaborado com ele e pôs de pé o projecto Feist Abecasis, que ficou conhecido nos códigos genéticos como "Programa Fénix", provavelmente por ter renascido das cinzas milenárias.

Mas aconteceu que, a certa altura dos trabalhos, o grande cientista tomou conhecimento da História de Portugal do Matoso, que o dr. Salazar tornara obrigatória no ensino do país do seu tempo, e encontrou tais revelações que alterou apressadamente o programa que estava a seguir. Na realidade, a zoologia do Matoso estava cheia de figuras contemporâneas carregadas de cromossomas jurássicos e, sendo assim, para quê recorrer aos fósseis pré-históricos, pensou o dr. Crichton, se tinha em cadáveres recentes o material necessário para fazer nascer os seus monstros?

Passou a recolher partículas de vários corpos defuntos ou em vias disso e, tempo depois, já dispunha de matéria animada para criar o novo Parque Jurássico. Só que, quando os ovos estalaram, saíram de lá répteis à Spielberg, é certo, monstros devoradores, garras, escamas,

tudo isso, mas com semelhanças humanas na configuração feroz das cabeças.

Apareceu o enorme Tyrannosaurus Rex com o olhar frio e a boca em lâmina do dr. Salazar e logo depois um Dinossauro Lumen cujo crânio terminava em forma de mitra de bispo bracarense. O difossauro que, no romance "Jurassic Park", de Michael Crichton, "contém no seu veneno sete enzimas de tóxicos diferentes" soltava sopros sibilinos que faziam lembrar o "gauleiter" da PIDE Agostinho Lourenço, e o othinélio assemelhava-se na expressão tranquila ao bombista Ramiro Moreira.

Ferocíssimo e de carão pálido, o célebre Seixas, chefe do Campo de Concentração do Tarrafal, passou a correr sob a forma dum brontosauuro, seguido de uma brigada de velociraptores que se ocultavam atrás das árvores como pides em manobras de serviço. Solitário, um dinossauro com membranas a penderem-lhe do peito como medalhas parecia um ahnirante pré-histórico, uma espécie de Henrique Tenreiro em passeio de reformado. Quando alguém lhe atirava um peixe vivo, devorava-o de golada e punha-se a badalar um sino às marradas, imitando os elefantes do jardim zoológico. Os apatossauros, herbívoros por natureza, andavam como doídos à procura de cravos vermelhos.

Este tipo de fauna pré-histórica entusiasmou o dr. Crichton. Os clientes é que não. Ao vê-la, filmada por António Lopes Ribeiro (que ganhara cauda quando realizara "A Revolução de Maio"), caíram em pânico e abandonaram o projecto, indignadíssimos.

Foi pena, porque assim as próximas autárquicas vão perder uma parte substancial do seu brilho e as criancinhas de Lisboa deixarão de ter um Parque Jurássico que as tornaria mais ilustradas e mais festivas.

Paciência. ●